

Credores acham que mudança de critério não é a solução

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Ainda bastante preocupados com a falta de solução para o problema da Resolução 63, os banqueiros não quiseram comentar o pacote de medidas do Presidente Sarney. Apenas um estranhou a mudança no cálculo da inflação.

— Acho que a mudança de critérios não vai enganar ninguém. Mostra apenas que o crescimento econômico deste ano, em torno de 8 por cento, será artificial, já que marcado por uma inflação que vai superar a do ano passado. Mas, agora, jamais saberemos a taxa real — comentou.

O banqueiro pediu para não

ser identificado, em vista da delicada situação criada com a liquidação dos Bancos Comind, Auxiliar e Maisonnave e com o conseqüente não-pagamento de US\$ 455 milhões.

Os banqueiros não querem mais comentar nada, pois acham que apenas vão piorar a situação da dívida externa brasileira, muito delicada e complicada, segundo eles, em vista da Resolução 63. Muitos bancos querem cair fora do pacote brasileiro e fontes bancárias dizem que o crédito a curto prazo foi reduzido. O Brasil terá problemas se quiser dinheiro novo ou um acordo de vários anos com os bancos, é a opinião geral. O acordo plurianual que tinha sido arquitetado no início do ano

pelo então Presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, está praticamente enterado, segundo as fontes. Isso na opinião dos banqueiros, custará ao Brasil cerca de US\$ 1,5 bilhão em spread, taxa de risco mais alta no próximo ano.

— Um acordo prevê que não há tanto risco. A falta de um acordo que é o que ocorre há mais de um ano, cria uma expectativa e um risco maior e, com isso, as taxas aumentam — continuou o banqueiro.

Assim, tudo fica em compasso de espera nos Estados Unidos até o dia 11, quando o Comitê de Assessoramento da Dívida Externa Brasileira se reunirá, pela primeira vez em mais de três meses.